

The first description of Angkor by a European explorer (Year 1551)

Fraile Antonio da Madalena's relation in Diogo do Couto's Duodecima Decada da Asia

- . Original and complete text in **Portuguese**
- . **English** translation from the text established by Prof. C.R. Boxer (1948)
- . **French** translation from the Portuguese and C.R. Boxer by Bernard-Philippe Groslier

Ref: BP Groslier, Angkor and Cambodia in the 16th Century, translated by Michael Smithies, Orchid Press, Bangkok, 2006; Angkor et le Cambodge au XVI^{eme} siècle, Presses Universitaires de France, Paris, 1957

*Angkor Database Publication at Templantation Resort, Siem Reap,
Cambodia*

Contact: info@angkordatabase.asia



[f° 110 r°] Capitulo 6 da grande e admiravel cidade que se descobrio nos matos do Reino camboja e de sua fabrica e sitio.

1. Ja que estamos desta parte, e temos falado no Reino de Camboja, pareceo nos bem darmos aqui relação de huma fermosissima cidade que se achou em seus matos, posto que isto pertencia a 6^a decada ao tempo do Viso Rej dom Afonso de Noronha, em que se descubrio, que por esquiçamento nos ficou, plo que a quis meter aqui por ser cousa rarissima, e que se pode ter por huma das maravilhas do mundo.

2. Andando El Rey de Camboja, quoadi nos annos de -50- ou -51-⁽³⁾ á caça dos Elefantes, plos mais espesos matos que avia em todo aquele Reino, forão os seus dar com huns Edifícios cheos por dentro de mato brauiou que não o poderão romper para entrarem por elle, 3. E damdo recado ao Rei, chegou aquela parte, e vendo a grandeza e soberba dos muros de fora, desejando de ver o de dentro, mandou logo cortar e por o fogo a tudo, 4. e se deixou ficar alli de longo de hum fermoso Rio, emquanto aquele negocio se fazia, no qual se occuparão çinco ou seis mil homens, os quaes em breues dias, acabarão aquela obra, e alimparão toda a cidade por dentro e á roda por fora daquele mato serradissimo e altissimo aruoredo, que a tinha avia muitos annos cuberta. 5. E depois de muito limpa de tudo, emtrou El Rej dentro, e correndo a toda, ficou admirando de grandeza⁽⁴⁾ daquele Edifício, 6. para o qual asentou logo de passar sua corte, porque alem da cidade ser da grande Magestade em fabrica, e o hera por sitio das melhores do mundo, por ser aquela parte frasquissima de aruoredos, Rios e fontes dagoas excelentes. 7. Hera esta cidade coadrada, e de quadra a quadra, húma legoa de compridão, 8. tinha quatro portas principais, a fora outra que hera a siruentia para os paços Reais, 9. e em cada coadra tinha hum fermoso beluarte da obra do muro, de que logo trataremos. 10. Tinha em roda huma caua de hum tiro despinguarda de largura, e de tres braças dagoa de altura sem nunca deminuir. 11. Tem por sima sinco pontes⁽⁵⁾ que respondem as sinco portas, que se dise, e cada huma tem doze paços de largura, e todas armada sobre arcos de pedra de cantaria despantosa grandeza, e de huma, e outra parte, tem seus parapeitos [f° 110 v°], de rede de pedra como marmore, e por cima hum fermoso cordão mui bem laurado, e por elle a compasos iguoais, caualgados, huns gigantes da mesma pedra mui sotilmente laurados com as mãos nos mesmos cordõis, e todos tem orelhas furadas e cumpridas, como os canaras, por onde parece obra sua 12. *os muros da cidade são todos de cantaria, tão primos*⁽⁶⁾, e bem ordenados, que parecem todos duma só pedra, que he como disse,

Este capitulo não se ha de por, nem imprimir neste livro, porque uai ia na Sexta decada, por ser cousa que se descobrio no tempo do Viso Rey dom Afonso de Noronha⁽²⁾

1. Cod. 537 of mss da Livraria; National Archives, Torre do Tombo, Lisbon. This ms is not in Couto's hand, but that of one of his secretaries. It was formerly in the Augustinian convent of Nossa Senhora de Graça. It has a contemporary leather binding with period tooling. Folios 110 recto and verso are crossed with several lines drawn by quill pen.

2. Marginal note added subsequently; see pp. 52 et seq. Doubtless because of this note, the following chapter, at first numbered 7, was renumbered 6.

3. Underlined in the ms.

4. Two words crossed out: *E ranha*.

5. The ms has *partes*, crossed out and replaced above with *pontes*.

6. Underlined in the ms.

quoasy marmore, porque se não exergua com que se ajuntão as pedras que são mui grandes nem com que se lião 13. o muro he de boa altura, e antes de chegar acima espaço de mea braça, ficão lançados para fora huns destes⁽¹⁾ de pedra muito grandes e bem laurados, todos em hum compaço, e em cada dente caualgado hum fermoso gigante com as costas no muro, e nas mãos fermosas maçãs aleuantadas em alto, que parece que estão para dar em quem quizer sobir açima, 14. os portais de todas as portas, são fermosamente laurados e tudo da mesma pedra tão primo e sotil⁽²⁾, que me disse o padre frei Antonio da Madanela da hordem dos capuchos que esteue nesta cidade, que muitas uezes tomara nas mãos os braços destes gigantes que são todos de huma pedra, para ver se herão laurados ao torno 15. E o que he mais para espantar desta obra, que esta pedra toda a não ha senão dalli a vinte legoas, plo que se pode ver a despeza, trabalho, fabrica e seruiço, que nella podia andar. 16. E asym em huma pedra que se achou sobre a porta de hum pagode de que logo falaremos, estauão humas letras em lingoa badagá, que he Canara, que dizia, que aquela cidade, pagodes, e mais cousas que logo diremos, fora mandada fazer por vinte reis, e que se gastara nella—700 annos—.

17. Tem esta cidade para huma banda começados huns edefiços, que parece que herão pasos dos reis, porque a obra, magnifisensia e grandeza, logo paresião Reais, nas muitas collunnas de areste, folhagens, figuras, e outras lindezas que alegrauão a vista, e mostrauão o artefício de seus esculptores, 18. no meo da cidade, se via hum rarissimo pagode jnda jimperfeito, 19. de cada porta da cidade ate elle, se fazia huma rua da largura das partes de fora com seus parapeitos, laurados da mesma cantaria e obra como as de fora, 20. e de cada parte desta rua, vão outras cauas muito fermosas cheas dagoas ate a margem, a qual sae do caua grande que cerca a cidade e entra pollas duas portas da banda do norte e leuante, e torna a entrar na mesma caua plas do sul e ponente, de maneira, que nunca desfalece, e a agoa desta caua, porque tanta quanta da por duas portas, torna [r^o III r^o] a recolher por outras duas, 21. e a caua grande sempre esta chea, por se meterem, nella grandes e prosperos rios, e pla sobegidão da agoa, he necessario sangra la por algumas partes por não tresbordar. 22. E asym por esta maneira cada rua destas que vai de cada porta, tem outras duas de agoa, plas quais emtrão muitas embarcaõis, que vem desse sertão plos rios abaxo com mantimentos, lenha, e mais cousas necessarias, que vão descarregar as portas dos moradores, que todos tem hum seruiço para a caua, e outro para o rio : 23. E por elle se a limpa a cidade de todas as jmundjcias que se leuão pla caua abaxo, de maneira, que depois que este Rej que discobrio esta cidade, pasou para ella sua corte, ficou a mais fermosa, mais bem seruida, e mais limpa que todas as do mundo.

24. Mea legoa desta çidade esta hum pagode chamado Angar, edificado em hum campo razo mui fermoso 25. o qual pagode he de -160- pasos de cumprido, de tão estranha fabrica, que se não pode declarar por pena, nem jgualar nenhum outro edifício do mundo com elle, 26. o corpo do meo, he de quatro naves, e o tecto da abobada riquíssima, que sobe em hum croucheo muito alto armado sobre muitas columnas, lauradas de todas as sutilezas, que o engenho humano podia enventar, 27. fabricou se sobre hum fermoso taboleiro de lageas mui grandes da mesma pedra de toda a mais obra, ao qual se sobe por alguns degraos que o singem todo em roda mui bem laurados e primos 28. de cada canto deste corpo grande do pagode, se aleuantão outros mais pequenos de obra que corresponde ao grande, e todos vão acabar em corucheos mui agudos, de

1. Or *dentes* perhaps.

2. One word crossed out: *tudo*.

maneira que de mais de quatro legoas se vê, todos dourados nos remates com seus globos e bandeiras 29. tem o pago(de) ao redor huma caua de hum tiro de mosquete de largo, e de sete braços daltura, e por cima se faz huma ponta que responde a huma só porta que o pateo tem á entrada da qual estão dous trigues de pedra, hum de cada banda, tão proprio grandes, e espantosos, que metem terror, a quem per ella emtra : 30. toda a ponte⁽¹⁾ he cuberta de arcos sotelissimamente laurados, de cantaria, cousa muito para ver 31. tem este pagode á roda muitas e fermosas ofiçinas, e os pillares das varandas e grades das janellas, da mesma pedra, tão bornidas que parecem feitas ao torno. 32. Plo grande campo ao redor, tem outros muitos pagodes somenos, mas mui bem obrados, que parece que herão sepulturas de Senhores daqueles Reinos, como o pagode de grande, dos Reis que o mandarão fabricar 33. duas legoas e mea deste pagode ao sertão, esta aquele grande lago, que eu cudo que he o Chiamai, que sera de trinta legoas de cumprido e dezaseis de largo, o qual [fº 111 vº] se enche do famoso Rio Menão que tras apos sy as agoas de outros muitos, o qual naçem de huma mesma via com o Ganges 34. ficara esta alagoa do mar para o sertão, cento e cincoenta legoas. 35. Tanto que entra o jnverno, que he em Junho, dese este Rio Menão das serras, com tanta força dagoa, que não cabendo em seu sentro, arrebanta por muitas partes, e alaga os campos mais de vinte legoas a roda, 36. e desendo ate outras grandes serras se desvia, e vai buscar caminho tirando para o noroeste, e como da nelle, se aparta em dous braços, e hum delles vaj entrar nesta grande alagoa que dise, e outro vaj deçendo ate o mar. 37. No tempo destas jmidasões, sobe a mare do mar ate esta alagoa, que são -150- legoas que dise, o que dura per espaço de quatro mezes, 38. e tanto que pasa o jnverno, que he em outubro, tornão estas agoas a vazar para o mar outros quatro mezes, e então se deminue a lagoa tanto, que ficara em deredor de tres braças, tendo nas enchentes, de noue para des braças, 39. os outros quatros mezes do anno, que são Feuereiro, Março, Abril e Maio, emche, e vaza, conforme ao curso das luas.

40. Em hum serto tempo, sae do fundo desta alagoa, hum anno, e outro não, grande quantidade de darros com sua casca, a que na India chamão bate, que sustenta muito parte da gente das aldeas ao redor : 41. por onde parece que se cria em baxo como a sargaso, e que como he de ves arrebenta para cima, 42. e naquele tempo handão muitas almadias por esta alagoa, colhendo este arros com muitas festas, bailos, e tamgeres. 43. O Rej que discubrio esta cidade mandou acabar seus paços com exesiuos custos, e mudou para ali sua corte, e a pouoou de moradores que tirou das outras cidades do Reino, e lhe deu chãos e repartio herdades per fora para suas lauouras 44. *Este Reino he serio que foi dos chins, e jnda oje goardão nelle*⁽²⁾ suas leis e costumes, aos Regedores chamão se Mandarins, as moedas são taeis, e mazes, como na China, e os pezos os mesmos : 45. depois foi este Reino sogeito ao de Sião, e elle o deu a hum seu page Dobetele, o qual o pouoou e engrandeçeo. 46. Suas terras são tão fertis que val o candil darros, que são vinte alqueires -150- res 47. tem muitas vacas, bufaras, e tantos viados, que de suas pelles carregão naos para a China, que he a mercadoria de mor jmportança que todas. 48. Nos matos ha muitas cabras, porcos, merús, gazellas, e tantos elefantes, que afirmão ter aquele rei corenta mil, 49. casam nos desta maneira tem feito algumas çercas de grosa madeira, nas

1. The ms has *parte*, crossed out and replaced above by *ponte*.

2. Underlined in the ms.

quaes emirão por huma só porta que se fecha com groços alsapõis, 50. e na parte em que costumão vir passer, lanção algumas femeas, que plo costume, e ensino, [fº 112 rº] 51. tanto que vê elefantes, vão fogindo para a çerca e em os elefantes as vendo, as vão seguindo te entrarem pla porta, 52. e os casadores que esta em cima, largão logo as alsapõis, 53. e ficão metidos em hum cural, estreito, onde a poder de fome e çede os amansão, 54. e como os sentem domesticos os tirãos dalli, e os metem em meo doutros elefantes manços e os leuão as tereçenas em que se agasalhão, 55. dizem que tem estes Rejs dous, e duas badas brancas, e não se entenda que seião como os cauallos pombos, se não de hum cor mais aberta que a ordinaria dos outros. 56. Tem outras muitas grandezas este Reino que dexo por não emfadar.

Diogo Do Couto, *Cinco livros da Duedecima Decada da Asia* Chap VI, ff.110-112¹⁷
(f.110r) Chapter 6: *Of the great and marvellous city discovered in the forests of the Kingdom of Camboja, its construction,*¹⁸ *and its location.*¹⁹

1. Since we are now in this region and we have spoken of the Kingdom of Cambodia, it seems to us appropriate to give here an account of a very fine city discovered in its forests, even if this forms part of the Sixth Decade and the period of the viceroy Dom Afonso de Noronha during which it was discovered; we omitted to provide it then through oversight, so I wish to include it here as something very exceptional and which can be considered one of the marvels of the world.

2. Just about the years 1550 or 1551,²⁰ as the King of Camboja was going to hunt elephants in some of the densest forests in the whole of this Kingdom,²¹ his (men) while hacking the undergrowth²² came across imposing constructions²³ invaded in their interiors by such exuberant vegetation that they were unable to destroy it in order to enter them. 3. And this having been reported to the King, he went to that spot, and seeing the spread and height²⁴ of the external walls,²⁵ he also wished to see the interior; he immediately ordered that all (the undergrowth) be cut and burnt. 4. And he stayed there beside a fine river while this work was being done by five or six thousand men who, in a short time,²⁶ completed this task and the entire town in its interior and all around the exterior was uncovered and [free] of this most dense undergrowth and the high forest which had covered it for many years. 5. And after everything had been carefully cleaned, the King entered the interior, and having gone all over it, was struck in admiration by the extent of these constructions.²⁷ 6. And for this reason he immediately decided to bring his court here, because, in addition to the town being most majestic in its layout,²⁸ it was sited in one of the finest places on earth, for this region was most pleasant,²⁹ with coppices, rivers and excellent water sources. 7. This town³⁰ was square in plan and each side was a league in length.³¹

8. It possessed four principal gateways,³² and another which led to the royal palaces. 9. And on each side of the square is a superb bastion³³ built like the wall about which we shall soon speak.³⁴ 10. (The town) was surrounded by a moat³⁵ with width of a blunderbuss shot and (containing) water three spans deep, without it ever having less. 11. Above the moat, there are five bridges³⁶ corresponding to the five gateways previously mentioned; each of these is twelve feet wide; (they are) entirely built of arches of dressed stone of surprising grandeur; and have on both sides parapets (f.110v) in perforated stone³⁷ similar to marble,³⁸ with above a fine rope³⁹ very regularly constructed⁴⁰ on which (there are) seated astride⁴¹ at regular intervals giants in a similar stone, quite remarkably⁴² carved with their hands on the said ropes; all have very long pierced ears, like those of the Canaras,⁴³ whose work this may be. 12. The walls of the town are entirely built with hewn stone, so perfect and so well arranged that they seem to constitute just one stone—which is, as I have said, almost like marble⁴⁴—for there are no joins⁴⁵ for the assembly of the stones, which are very big, nor (an indication of how) they were assembled. 13. The wall is of good height, and at a half-span under its coping⁴⁶ stone teeth⁴⁷ are found, very large and well-carved, all regularly placed; and astride⁴⁸ each stone (there is) a splendid giant, his back to the wall, brandishing in his hands fine clubs⁴⁹ held up in the air which seem to be there to strike anyone desirous of climbing up. 14. The doors of each of the entrance pavilions⁵⁰ are splendidly carved entirely in the same stone,⁵¹ so perfectly and so delicately⁵² that Fr Antonio da Madanela⁵³ of the Capuchin order, who was in this town, told me he had taken⁵⁴ in his hands several times the arms of these giants, which are all carved from a single stone, to see if they were carved in the round. 15. And what is most remarkable in this construction⁵⁵ is that this stone is not found for twenty leagues around there, from which one can imagine the cost, the labour, the organization and the bond-service⁵⁶ which went into it. 16. And similarly on a stone found above the entrance to a temple which we shall speak about later⁵⁷ there were a few lines⁵⁸ of the Badagá language—which is that of the Canara⁵⁹—saying that this town, these temples and other things about which we shall speak, were built on the orders of twenty (successive) kings and took seven hundred years to build.

17. On one of the sides of this town there were incomplete monuments which seem to have been the palaces of the kings, because the workmanship, sumptuousness and grandeur immediately strike the eye; [they are] truly royal in their numerous cornices,⁶⁰ the leaf decoration, the figures and other ornamentation⁶¹ which delight the eye and bear witness to the skill of their sculptors. 18. In the centre of the town one saw the most extraordinary and still incomplete temple.⁶² 19. From each of the town gates to this temple is a highway as wide as on the outside bridges,⁶³ with parapets built of the same dressed stone and in the same magnificence as those on the outside. 20. And on each side of this highway stretch very fine canals,⁶⁴ full to the brim with water which comes from the great moat surrounding the town, and which enters through two sluices on the north and east sides, and then returns to the same moat to the south and west, so that the water in the said moat never diminishes, and howsoever much water enters the two sluices, returns (f.111r) again through the other two. 21. As for the great moat,

it is always full, for important and abundant streams flow into it, and even because of an excess of water⁶⁵ it is necessary to draw off some at some points so it does not overflow. 22. And in this way each of the streets leading from the entrance gates is flanked by two others of water, through which numerous boats enter coming from the interior of the country along rivers outside [the town] (full of) provisions, wood for fires and other necessities, which are delivered to the very doors of the inhabitants, who all have access to the canal and another to the river.⁶⁶ 23. And so the town is cleaned of all the filth which is washed down to the moats; so that, after the King who discovered this town had transferred his court there, it was the finest, the best regulated, and the cleanest of all the cities in the world.

24. A half-league from this town is a temple called Angar;⁶⁷ built on a very fine flat piece of open land. 25. This temple is one hundred and sixty paces long, and of such a strange construction that one cannot describe it with one's pen, nor can it be compared to any other building in the world. 26. The central body⁶⁸ comprises four naves, and the roof⁶⁹ of their vaults, highly decorated, rises up⁷⁰ to a very high pointed dome,⁷¹ built on numerous columns, carved with all the refinements that human genius can conceive. 27. (The temple) was built on a superb foundation of very large paving stones of the same stone as the rest of the structure, up which one climbs using very well carved and remarkable steps, which go all around it.⁷² 28. At each corner of this great main structure of the temple are found others, smaller, in a similar style⁷³ as the main (structure), and all of which terminate in very pointed domes, so that they can be seen from more than four leagues off, entirely gilded at their summits, with their globes⁷⁴ and their banners. 29. The temple is surrounded by a moat a musket-shot in width and seven spans in depth, above which is a bridge which corresponds to the only entrance that the central court has;⁷⁵ at the entrance (to this bridge) are found two stone tigers, one on each side, so lifelike in size and so fearsome that they strike those who enter there with terror. 30. All the bridge⁷⁶ is covered with the most delicately carved arches, in dressed stone, a very worthy thing to see. 31. This temple is surrounded by numerous handsome outbuildings,⁷⁷ and the pillars of the galleries, like the balusters of the windows (are) of the same stone, so well polished that they seem to have been machine-made.

32. In the great plain around there are numerous other temples, smaller, but of excellent workmanship, which seem to have been the tombs of the lords of these kingdoms, just as the great temple (was, or seems to have been)⁷⁸ that of the kings who caused it to be built. 33. Two and a half leagues from this temple is found this great lake which I take to be the (famous) Chiamai,⁷⁹ which can be thirty leagues long and sixteen wide and which (f.111v) is fed by the famous river Menam,⁸⁰ into which drains numerous other (watercourses) and which rises more or less in the same region as the Ganges. 34. This lake must be some hundred and fifty leagues from the sea, inland.⁸¹ 35. As soon as the rainy season starts in June, this Menam River comes down from the mountains with so much water⁸² that it leaves its bed and overflows at many points, and floods the land more than twenty leagues around. 36. And continuing its descent

to other great mountains, its changes its course and goes in search of a north-westerly direction, and having found it, divides into two arms, one of which flows into the great lake I have spoken about, while the other goes to flow into the sea. 37. At the time of these floods, the tidal reach can be felt as far as this lake which is as I have said one hundred and fifty leagues from the sea; and that lasts four months. 38. Then, when the rainy season comes to an end, in October, this water begins to flow into the sea for four months; the lake then becomes much smaller and is only three spans deep, whereas during the height of the flood it can be nine or ten spans deep. 39. For the four remaining months, February, March, April, and May, (the lake) rises and falls according to the phases of the moon.⁸³

40. At a certain season, one year in two,⁸⁴ a great quantity of rice comes from the bottom of this lake with its husk,⁸⁵ which is called *bate*⁸⁶ in India, which feeds a great part of the inhabitants of the villages around. 41. Whence it seems that this (rice) grows under the water like a weed and at the right moment rises to the surface. 42. And at this period numerous boats go on this lake, harvesting the rice with much joy, dancing and orchestral competitions.⁸⁷ 43. The King who discovered this town had his palaces erected⁸⁸ at enormous cost, and established his court there; he filled it with people from other towns in the Kingdom, and to them he gave lands and distributed hereditary domains⁸⁹ for them to till the soil.

44. It is certain that this Kingdom formerly belonged to the Chinese, and they (the Cambodians) still retain today their laws and customs: the governors are called mandarins; the money is in taels and maces, as in China, and the weights are the same.⁹⁰ 45. Later the Kingdom was subject to the (King) of Siam,⁹¹ who gave it to one of his pages, named Dobetele,⁹² who peopled and enlarged it. 46. Its lands are so fertile that a candil of rice—which corresponds to twenty alquieres—is worth one hundred and fifty reis.⁹³ 47. It has many cattle,⁹⁴ buffaloes, and so many deer that their skins are loaded onto vessels going to China, and it is by far the most important merchandise.⁹⁵ 48. In the forests there are numerous goats, boars, merus,⁹⁶ gazelles, and so many elephants that it is held that the king has forty thousand. 49. These are hunted in the following manner: a corral of thick wood is built, that can be entered by only one door which is closed by solid portcullises. 50. Then, in places where male elephants are accustomed to feed,⁹⁷ they send in some females who are trained and taught (f.112r). 51. As soon as they see the elephants they run off to the corral, and the elephants, seeing them, follow them and enter through the doorway. 52. Then the hunters, who are above (this), drop the portcullis. 53. And the elephants are enclosed in a narrow corral where they are tamed by the effects of hunger and thirst. 54. And when they are ready to be trained, they are taken from there, placed between two domesticated elephants, and taken to the stables where they are kept. 55. It is said that these Kings possess two white (elephants) and two white rhinoceros; but one should not believe them to be white like white horses; they are only of a lighter hue than ordinary. 56. This Kingdom contains many other things of importance, which I shall pass over in order not to weary [readers].

Diogo DO COUTO, *Cinco livros da Duodecima Decada da Asia*
chap VI, ff^{os} 110-112 (1)

[f^o 110 r^o] Chapitre 6 : De la grande et merveilleuse ville qui fut découverte dans les forêts du Royaume de Camboja, de sa construction (2) et de sa situation (3).

1. Puisque nous voici à présent dans cette région et que nous avons parlé du Royaume de Camboja, il nous semble bon de donner ici une relation d'une très belle ville qui fut découverte dans ses forêts, encore que ceci

(1) Cod. 537 du manuscrit *da Livraria*, Archives nationales de Torre do Tombo, Lisbonne ; voir le texte en annexe, pp. 169 ss.

(2) *Fabrica* : « construction », dans le sens d'aspect, de disposition ; « ordonnance » rendrait sans doute bien l'idée mais serait une traduction un peu trop libre.

(3) A côté de ce titre fut rajoutée la note marginale étudiée par le P^r Boxer, pp. 65 ss.

fasse partie de la VI^e Décade à l'époque du vice-roi Dom Afonso de Noronha durant laquelle elle fut découverte, ce que nous avons omis (de dire alors) par oubli, de sorte que je veux l'inclure ici comme une chose très exceptionnelle et qui peut être tenue pour une des merveilles du monde.

2. Juste vers les années 1550 ou 1551 ⁽¹⁾, comme le Roi de Camboja allait à la chasse aux éléphants dans les forêts des plus épaisses qui existent dans tout ce Royaume ⁽²⁾, ses (gens) en battant la brousse ⁽³⁾ donnèrent sur des constructions imposantes ⁽⁴⁾ envahies à l'intérieur par une brousse exubérante qu'ils ne purent abattre afin d'y pénétrer. 3. Et ceci ayant été rapporté au Roi, il se rendit à cet endroit, et voyant l'étendue et la hauteur ⁽⁵⁾ des murs extérieurs ⁽⁶⁾, voulant voir également à l'intérieur, il ordonna sur-le-champ de couper et de brûler toute (la brousse). 4. Et il demeura là au bord d'une belle rivière, durant que s'accomplissait ce travail auquel cinq ou six mille hommes s'employèrent qui, en peu de temps ⁽⁷⁾, achevèrent cette tâche et débarrassèrent la ville en entier, à l'intérieur et tout autour à l'extérieur, de cette brousse des plus épaisses et de la haute futaie qui l'avait recouverte de nombreuses années. 5. Et après que le tout eût été soigneusement nettoyé, le Roi pénétra à l'intérieur, et l'ayant parcouru en totalité, fut frappé d'admiration par l'étendue de ces constructions ⁽⁸⁾. 6. Et pour cette raison il décida sur-le-champ d'y transporter sa cour, car outre que la ville se trouvait être d'une grande majesté par son ordonnance ⁽⁹⁾, c'était quant au site une des meilleures du monde car cette région est des plus plaisantes ⁽¹⁰⁾, avec des bosquets, des rivières et d'excellentes sources d'eau. 7. Cette ville ⁽¹¹⁾ était carrée et d'une lieue de longueur de côté ⁽¹²⁾. 8. Elle possédait quatre portes principales ⁽¹³⁾ et en plus une autre qui desservait les palais royaux. 9. Et sur chaque face du carré il y avait un superbe bastion ⁽¹⁴⁾ construit comme le mur dont nous parlerons bientôt ⁽¹⁵⁾. 10. (La ville) était entourée d'une douve ⁽¹⁶⁾ d'une portée d'espingle de largeur et (contenant) trois brasses d'eau, sans que jamais (l'eau) n'y baisse. 11. Au-dessus (de la douve), il y a cinq ponts ⁽¹⁷⁾ correspondant aux cinq portes déjà mentionnées; chacun de ceux-ci

(1) Le mns. porte seulement *nos annos de 50 ou 51*.

(2) La phrase est légèrement ambiguë, et pourrait encore se traduire : «... dans les forêts les plus épaisses..., etc. ».

(3) *Forão* : lit. « traquant ».

(4) *Edifícios* : « constructions », mais avec la notion très nette d'imposant, de monumental.

(5) *Grandeza* : « grandeur », mais avec l'idée d'étendu, de vaste; *soberba* : « élévation, hauteur » au sens propre, plus tard seulement « magnificence ».

(6) *Muros de fora* : lit. « murs extérieurs »; peut encore cependant se traduire : «... des murs (vus) de l'extérieur », ce qui serait confirmé par la phrase suivante *e desejando de ver o de dentro*.

(7) *Em breves dias* : lit. « en peu de jours », devenu loc. « sous peu, en peu de temps ».

(8) *Grandeza daquele Edifício* : désigne évidemment l'ensemble de la ville, d'où notre *pluriel*.

(9) *Em fabrica* : voir plus haut, n. 2, p. 68.

(10) *Frasquissima* : lit. « des plus fraîche », d'où « agréable à vivre » (cf. une pièce fraîche, plaisante à habiter en pays chaud).

(11) Angkor Thom.

(12) *De quoadra a quoadra* : lit. « d'un côté à un (autre) côté ».

(13) *Porta* désigne à la fois l'édifice dans lequel s'ouvre une porte monumentale, la porte elle-même, voire ses vantaux. Il vaudrait sans doute mieux traduire dès ici par « pavillon d'entrée », car nous aurons plus loin à rendre *portais de... portas* : voir plus bas, n. 14, p. 70.

(14) *Beluarte* : « 1. bastion; 2. chemin de ronde; 3. rempart », voir p. 90.

(15) Le mur d'enceinte d'Angkor Thom, qui sera décrit plus bas; pour *da obra do muro*, voir plus bas, p. 91.

(16) Couto emploie *cava* : lit. « fossé » tant pour les douves de la ville que pour les canaux; nous traduirons par l'un ou l'autre de ces deux termes selon les besoins : voir plus bas, pp. 101 ss., la description du réseau hydraulique d'Angkor Thom.

(17) Le mns. porte *partes* biffé et remplacé au-dessus par *pontes*, à bon escient semble-t-il.

à douze pieds de largeur ; (ils sont) entièrement construits sur des arches en pierre de taille d'une grandeur étonnante, et possèdent de part et d'autre leurs parapets [fo 110 v^o] en pierre ajourée ⁽¹⁾ semblable à du marbre ⁽²⁾, avec par-dessus un beau cordon ⁽³⁾ très bien construit ⁽⁴⁾ sur lequel (il y a) chevauchant ⁽⁵⁾ à intervalles réguliers des géants en pierre identique, fort remarquablement ⁽⁶⁾ sculptés avec leurs mains sur lesdits cordons ; tous ont les oreilles percées et très longues, comme celles des Canaras ⁽⁷⁾, d'où il semble que ce soit là l'ouvrage. 12. Les murs de la ville sont entièrement en pierres dressées, si parfaits et si bien disposés qu'ils semblent tout entiers d'une seule pierre — qui est, comme je l'ai dit, presque comme du marbre ⁽⁸⁾ —, car il n'y a pas d'interstices ⁽⁹⁾ pour l'ajustage des pierres, qui sont fort grandes, ni (trace) de la façon dont elles sont assemblées. 13. Le mur est d'une bonne hauteur, et à une demi-brasse au-dessous de sa crête ⁽¹⁰⁾ s'avancent vers l'extérieur des pierres en saillie ⁽¹¹⁾, très grandes et fort bien sculptées, toutes régulièrement espacées ; et sur chaque pierre, chevauchant ⁽¹²⁾ (il y a) un superbe géant, le dos au mur, avec dans les mains de belles massues ⁽¹³⁾ brandies en l'air, qui semble pour frapper quiconque voudrait grimper. 14. Les portes de chacun des pavillons d'entrée ⁽¹⁴⁾ sont magnifiquement sculptées et tout entières de la même pierre ⁽¹⁵⁾, si parfaite et si délicate ⁽¹⁶⁾ que le père frère Antonio da Madanela ⁽¹⁷⁾ de l'ordre des capucins, qui a été dans cette ville, me disait avoir pris ⁽¹⁸⁾ bien des fois dans ses mains les bras de ces géants, qui sont tout d'une seule

(1) *De rede de pedra* : lit. « pierre à jour ; grillage en pierre » ; voir pp. 92 ss.

(2) *Cordão* : lit. « 1. cordon, cordelière ; 2. cordon, en termes d'architecture ». En fait, le corps du naga tenu par les géants ; voir plus bas, p. 92.

(3) Ces parapets sont en grès.

(4) *Lavrado* : « façonné ; travaillé ; ouvré ; construit ». Le terme va revenir constamment et nous essaierons de traduire par la nuance qui convient le mieux avec l'édifice décrit, ce qui risque de donner au texte de Couto une précision par laquelle il ne faudrait pas se laisser abuser.

(5) *Cavalgados* : « montés à cheval ; à califourchon ». Le narrateur a confondu les géants tenant le corps du naga avec des figures chevauchant une rambarde.

(6) *Sotilmente* : « finement ; intelligemment », mais ici avec la nuance originale de *subtil*, faisant ressortir l'habileté de cette composition, d'où notre « remarquablement ».

(7) *Canara* est ici mis pour le royaume indien de Vijayanagar. Cf. COUTO, *Decada VI*, liv. V, chap. V ; *Hobson-Jobson*, éd. de 1903, pp. 152-54 ; DALGADO, *Glossário Luso-Asiático*, I, 196-197. En attribuant une origine indienne à l'architecture khmère, Couto était plus près de la réalité que Ribadeneyra et ses informateurs espagnols qui n'hésitaient pas à y reconnaître l'œuvre d'Alexandre le Grand, ou encore San Antonio qui avançait une origine juive ; voir plus bas, pp. 98 ss. C. R. B.

(8) Le mur d'enceinte d'Angkor Thom est en latérite.

(9) *Exergua* : lit. « exergue » ; en termes d'architecture cela signifie que les pierres sont assemblées à joints droits, sans bossages, entièrement taillées avant la pose et non ravalées. En fait elles sont rodées les unes sur les autres ; voir p. 91.

(10) Le portugais dit littéralement : « à une demi-brasse avant d'arriver au sommet ».

(11) Le mns. porte *destes de pedra*, incompréhensible et que l'on doit sans doute corriger en *dentes de pedra* : « dents de pierre ; en term. d'arch. : pierre en saillie ; pierre d'attente » ; voir plus bas, p. 91.

(12) Traduction littérale ; voir p. 91.

(13) *Maça* : « massue ; masse d'arme ».

(14) *Portais de... portas* : voir plus haut, n. 13, p. 69 ; nous traduisons « les portes des pavillons d'entrée... » car il ne peut s'agir des vantaux puisque ces *portais* nous sont dits « en pierre » ; voir p. 92.

(15) Les pavillons d'entrée d'Angkor Thom sont en grès.

(16) Le mns. porte, après *sotil*, *tudo* biffé.

(17) Les formes Madanela ou Magdalena étaient utilisées indifféremment en vieux portugais. Pour les dates du séjour de ce missionnaire au Cambodge, voir pp. 66 ss. C. R. B.

(18) *Tomar nas mãos* : lit. « prendre avec les mains », ce qui peut très bien être vrai si le capucin a ramassé des fragments de bras de géants ; mais on peut également traduire « passer ses mains sur... », etc. ».

sorte que, après que ce Roi qui découvrit cette ville y eut transféré sa cour, elle se trouva être la plus belle, la mieux desservie, et la plus propre de toutes les villes du monde.

24. A une demi-lieue de cette ville il est un temple nommé Angar ⁽¹⁾, construit sur un très beau terrain plat et découvert. 25. Ce temple a cent soixante pas de long, et (il est) d'une construction si étrange qu'on ne peut le décrire avec la plume, non plus qu'on ne saurait le comparer à aucun autre monument dans le monde. 26. Le corps central ⁽²⁾ comprend quatre nefs, et le toit ⁽³⁾ de leurs voûtes, des plus décorés, jaillit ⁽⁴⁾ en un dôme pointu ⁽⁵⁾ très élevé, construit sur de nombreuses colonnes, travaillées avec tous les raffinements que le génie humain peut concevoir. 27. (Le temple) a été bâti sur un superbe soubassement de très grandes dalles de la même pierre que le reste de l'ouvrage, que l'on gravit par des degrés fort bien ciselés et remarquables, qui le flanquent ⁽⁶⁾ tout alentour. 28. A chaque angle de ce grand édifice principal du temple s'en dressent d'autres, plus petits, dont le style ⁽⁷⁾ répond à celui du (corps) principal, et qui se terminent tous en dômes très pointus de sorte qu'ils se voient de plus de quatre lieues, entièrement dorés à leurs sommets, avec leurs globes ⁽⁸⁾ et leurs bannières. 29. Le temple est entouré par une douve d'une portée de mousquet de largeur et de sept brasses de profondeur, et par-dessus laquelle est jeté un pont qui correspond à la seule porte que possède la cour centrale ⁽⁹⁾; à l'entrée (de ce pont) se trouvent deux tigres de pierre, un de chaque côté, si véritablement grands et épouvantables qu'ils frappent de terreur ceux qui entrent par là. 30. Tout le pont ⁽¹⁰⁾ est couvert d'arcs des plus délicatement sculptés, en pierre de taille, chose très digne d'être vue. 31. Ce temple est entouré de nombreuses et belles dépendances ⁽¹¹⁾, et les piliers des galeries comme les balustres des fenêtres ⁽¹²⁾ (sont) de la même pierre, si bien polis qu'ils semblent avoir été façonnés au tour.

32. Dans la grande plaine alentour il y a de nombreux autres temples, plus petits mais d'un excellent travail, qui semblent avoir été les sépultures des Seigneurs de ces royaumes, de même que le grand temple (était, ou : semble avoir été) ⁽¹³⁾ celle des rois qui le firent construire. 22. A deux lieues et demie de pays de ce temple se trouve ce grand lac que je crois être

⁽¹⁾ Angkor Vat.

⁽²⁾ *Corpo de meo* : désigne à la fois le corps central d'un bâtiment et sa partie principale.

⁽³⁾ *Tecto* : « plafond », mais aussi « couverture » en général d'un édifice.

⁽⁴⁾ Le portugais *se sobe* : « monte, se soulève », rend bien l'impression que donne la tour centrale d'Angkor Vat qui semble jaillir à la croisée des galeries sur piliers du troisième étage, d'où notre traduction.

⁽⁵⁾ *Croucheo*, ou mieux *corucheo* : lit. « flèche » ; le terme désigne aussi cette mitre pointue et conique dont l'Inquisition coiffait ses condamnés. C'est le terme uniformément employé par les auteurs du XVI^e siècle pour les *stûpa* et les tours de pagodes chinoises ou extrême-orientales. Typique à cet égard la définition suivante : « *corucheo* : cobertas com telhado de quatro aguas muito agudos e altos, como se vêem nas pinturas Chinezas e edificios á Chinezas ». A. de MORAES SILVA, *Diccionario de la lingua Portuguesa*, Lisbonne, A. J. da Rocha, 1844, 5^e éd., s. v. En fait les tours d'Angkor Vat sont plutôt ogivales, d'où notre traduction.

⁽⁶⁾ *Cingir* : « ceindre ; entourer ; environner », mais renforcé par *tudo em roda* semble impliquer dans la pensée de l'auteur que le soubassement est entouré par un escalier continu.

⁽⁷⁾ *De obra* : lit. « d'un travail ; d'une construction ».

⁽⁸⁾ *Globos* : « globes » ; voir p. 95.

⁽⁹⁾ Ou encore : « à une seule porte de la cour centrale... ».

⁽¹⁰⁾ *Parte* sur le mns. ; peut-être à restituer en *ponte*, ou encore en *porta* : voir plus bas, p. 94.

⁽¹¹⁾ *Ofiçinas* : lit. « ateliers », mais aussi « dépendances d'un couvent », ce qui semble mieux convenir ici puisqu'il s'agit d'un temple ; voir plus bas, p. 95.

⁽¹²⁾ *Grades* : lit. « grillage, treillis ».

⁽¹³⁾ La phrase est malheureusement ambiguë ; voir p. 96.

le (fameux) Chiamai ⁽¹⁾, qui peut avoir trente lieues de long et seize de large, et qui [f^o III v^o] est alimenté par le fameux fleuve Menam ⁽²⁾, qui draine à lui les eaux de nombreux autres (cours d'eau) (et) qui naît à peu près dans la même région que le Gange. 34. Ce lac doit être à quelque cent cinquante lieues de la mer, à l'intérieur des terres ⁽³⁾. 35. Dès que commence l'hivernage, soit en juin, ce fleuve Menam descend des montagnes avec un tel volume d'eau ⁽⁴⁾ qu'il ne peut tenir en son lit et qu'il déborde en de nombreux endroits et inonde les campagnes sur plus de vingt lieues à la ronde. 36. Et, continuant sa descente jusqu'à d'autres grandes montagnes, il change sa course et va chercher une voie en direction du Nord-Ouest puis, l'ayant trouvée, se divise en deux bras dont l'un va se déverser dans ce grand lac dont j'ai parlé, tandis que l'autre va se décharger à la mer. 37. A l'époque de ces inondations le flux de la mer se fait sentir jusqu'à ce lac qui en est à cent cinquante lieues comme je l'ai dit ; et cela dure quatre mois. 38. Puis, lorsque s'achève l'hivernage, soit en octobre, ces eaux recommencent à se décharger dans la mer durant quatre autres mois ; et le lac alors diminue tellement qu'il doit se réduire à trois brasses (d'eau), alors que durant les hautes eaux il peut en avoir de neuf à dix brasses. 39. Durant les quatre mois restants, qui sont février, mars, avril et mai, (le lac) monte et descend selon le cours de la lune ⁽⁵⁾.

40. A une certaine saison, une année sur deux ⁽⁶⁾, sort du fond de ce lac grande quantité de riz avec sa balle ⁽⁷⁾, que l'on appelle *bate* ⁽⁸⁾ en Inde, qui nourrit une grande partie des habitants des villages d'alentour. 41. D'où il semble ressortir que ce (riz) pousse sous l'eau comme une algue et, le moment venu, surgit en surface. 42. Et à cette époque de nombreuses pirogues vont sur ce lac, récoltant ce riz avec force réjouissances, danses et concours d'orchestres ⁽⁹⁾. 43. Le Roi qui découvrit cette ville fit installer ⁽¹⁰⁾ ses palais au prix de frais énormes, et y établit sa cour ; il la peupla de gens qu'il fit venir des autres villes du Royaume, et parmi lesquels il donna des terres et distribua des domaines héréditaires ⁽¹¹⁾ pour leurs cultures.

⁽¹⁾ *O Chiamai* est nettement emphatique.

⁽²⁾ En fait le Mékong.

⁽³⁾ Le Tonlé Sap, qui est une véritable mer intérieure en saison des pluies et un lac de dimensions modestes en saison sèche. Chiamai était le nom d'un lac imaginaire dont les Portugais (se faisant sans doute l'écho de quelque tradition orientale) avaient fait la source de la plupart des fleuves de l'Asie du Sud-Est, et notamment du Brahmapoutre, de l'Irawadi, de la Salwin et du Ménam. Cf. *Hobson-Jobson*, éd. de 1903, p. 190 ; Joaquim de CAMPOS, *Early Portuguese accounts of Thailand*, JSS, 1940, vol. 32, fasc. 1, pp. 9, 19, 22 ; voir également plus bas, pp. 151 ss. Ce lac était en général situé sur les plateaux du Tibet par les cartes du xvi^e siècle, et il est plutôt surprenant que do Couto le confonde avec le Tonlé Sap, bien qu'il situe ce dernier trop loin à l'intérieur des terres. Pour la position en général attribuée au Chiamai, voir la carte intitulée : *The true description of all the coasts of China, Cauchinchina, Camboya, Syao, Malacca, Arracan, and Pegu, together with all the islands there abouts, both great and small... all perfectly drawn and examined with the most expert cards of the Portuguese Pilots*, in J. WOLFE, éd., *John Hviagen van Linschoten, his Discours of Voyages into ye Easte and West Indies*, Londres, J. Wolfe, 1958. C. R. B.

⁽⁴⁾ Lit. « avec une telle force d'eau ».

⁽⁵⁾ Les crues annuelles du Mékong, rappelant celles du Nil, ont vivement impressionné tous les premiers voyageurs européens au Cambodge. Voir le récit de Gaspar da Cruz in C. R. BOXER, *South China in the sixteenth century*, Londres, Hakluyt Soc., 1953, pp. 77-79. C. R. B.

⁽⁶⁾ Lit. « une année, et l'autre non ».

⁽⁷⁾ Nous dirions paddy.

⁽⁸⁾ Anglo-indien *batty*, ou *paddy*. Cf. *Hobson-Jobson*, éd. de 1903, p. 650 ; DALGADO, *Glosário Luso-Asiático*, I, 102-103. C. R. B.

⁽⁹⁾ *Tamgeres* : lit. « jeux d'instruments de musique ».

⁽¹⁰⁾ *Mandou acabar* : peut aussi se traduire « fit achever » ; voir plus bas, p. 94.

⁽¹¹⁾ *Herdades* : « domaines, biens immobiliers », mais avec la notion d'héréditaire ; voir p. 155.

44. Il est certain que ce Royaume appartenait jadis aux Chinois, et ils (les Cambodgiens) gardent encore aujourd'hui leurs lois et leurs coutumes : les Gouverneurs se nomment Mandarins ; les monnaies sont en taëls et en maces, comme en Chine, et les poids sont les mêmes ⁽¹⁾. 45. Par la suite ce Royaume fut assujéti au (roi) de Siam ⁽²⁾, et celui-ci le donna à un de ses pages, Dobetele ⁽³⁾, qui le peupla et l'agrandit. 46. Ses terres sont si fertiles qu'un candil de riz — ce qui correspond à vingt alqueires —, vaut cent cinquante reis ⁽⁴⁾. 47. Il possède de nombreux bovidés ⁽⁵⁾, des buffles, et tant de cerfs que l'on charge avec leurs peaux des navires à destination de la Chine, et c'est là marchandise plus importante que toute autre ⁽⁶⁾. 48. Dans les forêts il y a de nombreuses chèvres, des sangliers, des merús ⁽⁷⁾, des gazelles, et tant d'éléphants qu'on assure que ce roi en possède quarante mille. 49. Ceux-ci sont chassés de la manière suivante : on fait des *kraal* en bois épais, où l'on ne peut entrer que par une seule porte qui se ferme par de solides herses. 50. Puis, aux endroits où les éléphants mâles ont l'habitude de manger ⁽⁸⁾ ils lancent quelques femelles qui sont dressées et entraînées [f° 112 r°]. 51. Dès qu'elles voient les éléphants elles s'enfuient en courant vers les *kraal*, et les éléphants, les voyant, les suivent et pénètrent par la porte. 52. Alors les chasseurs, qui sont au-dessus (de celle-ci), laissent aller aussitôt les herses. 53. Et les éléphants sont enfermés dans un étroit *kraal*, où ils sont domptés par les effets de la faim et de la soif. 54. Et quand ils sont mûrs pour être dressés, ils sont tirés de là, placés entre deux éléphants domestiqués, et menés dans les étables où ils sont logés. 5. On dit que ces Rois possèdent deux (éléphants) blancs et deux rhinocéros blancs ; mais il ne faut pas croire qu'ils sont blancs comme des chevaux blancs ; ils sont seulement d'une couleur plus claire que la (couleur) ordinaire des autres. 56. Ce Royaume contient bien d'autres grandeurs, que je passe sous silence afin de ne point lasser.